

O ABUTRE

Era um abutre que me bicava os pés. Tinha já rasgado as botas e as meias e agora bicava os próprios pés. Bicava sempre sem parar, esvoaçava depois inquieto várias vezes à minha volta e retomava o trabalho. Um homem passou por nós, observou por um momento e depois perguntou porque tolerava eu o abutre. «Não tenho com que me defender», disse eu, «ele chegou e começou a bicar-me, e é claro que o quis enxotar, tentei mesmo estrangulá-lo, mas um animal destes tem muita força, também já queria saltar-me para a cara, por isso preferi sacrificar antes os pés. Agora já estão quase esfacelados.» «Imagine-se, deixar-se torturar assim», disse o homem, «um tiro e é o fim do abutre.» «A sério?» perguntei eu, «e o senhor não quer tratar disso?» «Com muito gosto», disse o homem, «tenho só de ir a casa buscar a espingarda. Consegue esperar ainda uma meia hora?» «Não sei», disse eu, e por um momento fiquei hirto de dor, depois disse: «Em todo o caso tente, por favor.» «Muito bem», disse o homem, «vou apressar-me.» Durante a conversa o abutre ouvira serenamente, deixando vaguear o olhar entre mim e o homem. Via agora que ele entendera tudo, levantou voo, curvou-se muito para trás para ganhar ba-

lanço e como um atirador de lanças enfiou então o bico pela minha boca até ao mais fundo de mim. Ao cair para trás senti-me liberto enquanto no meu sangue que enchia todas as profundezas e transbordava de todas as margens ele se afogava sem salvação.

UM ARTISTA DA FOME

Nas últimas décadas diminuiu muito o interesse por artistas da fome. Antigamente era um bom negócio montar grandes espectáculos deste género por conta própria, coisa que hoje seria completamente impossível. Eram outros tempos. Naquela altura, a cidade inteira dedicava-se ao artista da fome; de dia de jejum para dia de jejum, o público era cada vez maior; todos queriam ver o artista da fome pelo menos uma vez por dia; nos últimos dias, aqueles que tinham comprado uma assinatura passavam todo o dia sentados em frente à pequena jaula; mesmo já de noite havia ainda visitantes, à luz de tochas para aumentar o efeito; quando fazia bom tempo, a jaula era trazida para o ar livre, e era então sobretudo às crianças que o artista da fome era exibido; se para os adultos ele era muitas vezes apenas um divertimento seguido por moda, já as crianças observavam atónitas, de boca aberta e mãos dadas para se sentirem seguras, aquele homem pálido, com uma malha preta e costelas que sobressaíam poderosas, que estava sentado sobre a palha espalhada, desdenhando mesmo uma cadeira, e que por vezes acenava com a cabeça num gesto de cortesia, respondia às perguntas esforçando-se por sorrir, esticava até o

braço por entre as grades para dar a sentir a sua magreza, mas que depois voltava a afundar-se em si mesmo, já não dava por ninguém, nem sequer pelo bater das horas para ele tão importante no relógio que era a única mobília da jaula, olhava apenas em frente de olhos quase fechados e de vez em quando bebia de um copo pequeníssimo de água para molhar os lábios.

Para além dos espectadores ocasionais, o público escolhia também três vigias permanentes, muitas vezes talhantes, facto curioso, que tinham por tarefa observar o artista da fome dia e noite para que ele não se alimentasse de alguma maneira secreta. Não era mais do que uma formalidade introduzida para satisfazer as massas, os iniciados sabiam bem que durante o período do jejum o artista da fome nunca, em circunstância alguma, mesmo se a isso o obrigassem, comeria o que quer que fosse; proibia-o a honra da sua arte. É claro que nem todos os vigias o compreendiam, por vezes os grupos nocturnos montavam vigia com grande desleixo, juntavam-se de propósito a um canto afastado onde se perdiam absortos num jogo de cartas, com a clara intenção de permitir ao artista da fome uma pequena merenda, na opinião deles escondida por entre umas quaisquer provisões secretas. Nada lhe era mais penoso de suportar do que estes vigias; deixavam-no triste; tornavam o jejum muito mais difícil; por vezes ignorava a sua fraqueza, e enquanto tivesse forças cantava durante o período de vigia para assim lhes mostrar como eram injustas as suas suspeitas. Mas pouco ajudava; admiravam-se então com a perícia com que conseguia comer enquanto cantava. Preferia de longe aqueles vigias que se sentavam muito perto da jaula e que, não se contentando com a escassa iluminação nocturna da sala, lhe apontavam as lanternas eléctricas que o empresário punha à sua disposição. A luz crua não o inco-

modava mesmo nada, de qualquer modo nunca conseguia dormir, e dormir um pouco era coisa que podia sempre fazer com qualquer luz e a qualquer hora, mesmo numa sala sobrelotada e ruidosa. Tinha sempre gosto em passar a noite em branco com estes vigias; estava pronto a rir com eles, a contar-lhes histórias da sua vida de viagens, a ouvir também as histórias deles, tudo apenas para os manter despertos, para mais uma vez mostrar que não tinha nada que se pudesse comer na jaula e que jejuava como nenhum deles era capaz. Mas nunca se sentia mais feliz do que quando chegava a manhã e aos vigias era trazido um pequeno-almoço sobreabundante, pago pelo artista da fome, a que eles se lançavam com o apetite de homens sadios depois de uma noite passada a custo em vigília. Havia ainda gente que queria ver neste pequeno-almoço uma tentativa ilegítima de influenciar os vigias, mas era já ir longe de mais, e quando alguém os convidava a fazer a vigia nocturna sem pequeno-almoço, apenas por amor à causa, logo recusavam e faziam-se desentendidos, mas sem com isso perderem as suas suspeitas.

Suspeitas como estas, na verdade, eram inseparáveis do espectáculo da fome. Ninguém podia passar dias e noites inteiros a vigiar o artista da fome, ninguém podia assim ver com os próprios olhos que ele jejuara sem interrupção nem falhas; só o próprio artista da fome o podia saber, ele era assim o único espectador da sua fome inteiramente satisfeito. Por uma outra razão, contudo, mesmo ele nunca estava satisfeito; talvez não fosse a fome a causa daquela magreza que obrigava muitos, mesmo contrariados, a evitar as exposições por não suportarem olhá-lo, talvez a magreza se devesse antes a um descontentamento consigo mesmo. É que só ele sabia, nem sequer um iniciado o podia saber, como era fácil passar fome. Era a coisa mais fácil do mundo. E ele